

PLANTAR OLHOS PRA DEPOIS

Julia Raiz do Nascimento

[POESIA]

[] []]
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana 

KAN
editora

**PLANTAR
OLHOS PRA
DEPOIS**

PLANTAR OLHOS PRA DEPOIS

Julia Raiz do Nascimento

Copyright © Julia Raiz do Nascimento
ISBN 978-65-86198-53-9
Londrina – PR
1ª Edição

Editora Kan

COORDENAÇÃO EDITORIAL

ImagenPalavra

REVISÃO

Visualitá® Gestão em Design Estratégico

DIAGRAMAÇÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nascimento, Julia Raiz do

Plantar olhos pra depois / Julia Raiz do Nascimento. -- 1. ed. -- Londrina, PR :
Editora Kan, 2025.

ISBN 978-65-86198-53-9

1. Poesia brasileira I. Título.

25-274666

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



Rua José Geraldi, 115
Londrina – PR – CEP 86038-530
Telefone (43) 3334-3299
editorakan@gmail.com

Índice

A MULHER DO JARDIM	8
PLANTAR OLHOS PRA DEPOIS	27

O chocolate que eu botei pra dentro
Você que eu tô botando pra dentro
A família toda que eu tô botando pra dentro
O mundo que eu tô botando pra dentro
De tanto olhar
Olhar
De tanto enxergar olhar ver espiar
Sentir e notar
Tô botando tudo pra dentro porque botando
pra dentro eu botei pra fora

(Stela do Patrocínio)

A MULHER DO JARDIM

você está lendo tudo isso
cada poema é um fio de palha
com o qual construir na boca um ninho
e abandonar um ovo
com o qual criar uma manjedoura
dourada
onde deitar o seu próprio menino jesus
uma criança feita de cristal por dentro
sua poesia é seu menino jesus
a íris vermelha de uma pomba preta
viaja de uma dimensão paralela
até esta
te trazendo uma mensagem
no brilho
a tua poesia-criança
matéria escura que chora
e ecoa pelo universo
levita como chuva de meteorito
asas de mariposas
sobre sua cabeça

cleo, a cleptomaníaca

não queria começar com:
sou cleptomaníaca
mas minha estirpe é a da mais tosca
estão a salvo os isqueiros e biscuits
prefiro o que vocês têm rondando de moto a cabeça
entro onde estão à noite (não estão em suas camas, garanto)
e levo tudo, passo meu longo braço derrubando o que encontro
pra dentro de um saco de lixo azul-celeste que carrego no
ombro
feito um ladrão da Turma da Mônica
pego de ímãs de geladeira à certidão de nascimento dos seus
primogênitos
sei dos melhores horários porque sei quais de vocês
têm espíritos fortes que plainam por outras dimensões sozinhos
e quais levam companhia
quais têm liberdade de movimento
mas com materializações pequenas de alma
e quais continuam em vigília conversando com fantasmas
quando deveriam estar bem despertos
o amor não é nada mais do que o proveito da oportunidade
sinto quando abrem ou fecham suas pesadas portas na minha
cara
ou quando dizem mentiras nadando com os amigos
em piscinas redondas e querem que eu assine contratos
que pingam no chão de mármore
por isso tenho cada vez menos pena de roubar de vocês
uma árvore também roubou de mim

porque cresci de frente pro bosque seus ramos vingavam fortes
se alimentando da minha energia vital
em troca não me dava coisa alguma
e quando eu subia alto em seus galhos
não fazia nada que pudesse me salvar de cair
as árvores não sentem remorsos
elas nem conversam entre si sobre isso
não têm a mesma preocupação que eu tenho
de escrever sobre o dia que um de vocês me lançou
um pedido de socorro:
“venha, leve tudo o que eu tenho, por favor,
não aguento mais todas essas coisas”
por isso eu acho que no final das contas
faço um favor a vocês
e por isso até deveria ser paga
talvez devesse ser essa mesma a minha profissão

ontem me meti a comer um bolo americano
não um bolo norte-americano
não um bolo conivente
um bolo de maçã não uma apple pie
um bolo de maçãs escuras
importadas da argentina
ou de maçãs fuji claras e novinhas
de todo jeito não eram maçãs colhidas à força e
à força enfiadas no fundo de formas
mordi maçãs do bolo de maçã
e reconheci não o cheiro da casca
mas a trajetória da casca
próxima a fronteiras invadidas
casas queimadas até o chão
caixas de mingau pisoteadas
nunca descasco maçãs
nunca como a polpa tirada com colher
como uma pessoa pequena e desdentada
uma vizinhança bombardeada por
maçãs foi o que reconheci
cravar uma maçã nas costas de alguém e esperar
que apodreça que ideia terrível!
pessoas seguem sem lugar para estar
e suas casas simplesmente não podem
ser maçãs
depois do bolo de madrugada
não consegui levantar a tempo e vomitei em mim
restos pálidos de maçã
também maçãs inteiras com cabinho

maçãs desertoras do exército de maçãs
fiz que sim com a cabeça para elas
e as ajudei em seu caminho de volta
porque sou uma rebelde de verdade
mas também porque sou muito enganada
pela fantasia de que é possível
comer e deitar
comer maçãs e logo depois deitar

eu nunca posso tombar
você disse
você está sempre mal
eu preciso ficar em pé
você disse
se tivermos um filho com síndrome de down
se ele quiser ser chamado de sônia
em vez de luisito
você não poderá ficar tantos meses fora de casa
você disse
me voy a tombar em navarrete
você disse
seu pai ainda vive lá
servindo torresmo e gim tônica

quando descobri que tentou se matar virei um coyote
seu pai continua a me mandar fotos de árvore
a menina brasileira pergunta em voz alta
o que é natural ou antinatural se a natureza muda
num piscar de olhos você fez anos está em choque
eu uivo fooooooome
os remédios pra dormir não funcionam
a menina picota as fotos e os pedaços junta
numa caixa com carne vermelha
lágrimas chovendo sobre meu focinho
eu choro por
mim você chora por
nada o manacá maduro na frente de casa cresce de um jeito
ou de outro

Visitas

Ela diz que não fala pelos outros, os outros que falam sempre por ela, nesta voz, estão sempre lançando flechas que voam paralelas a este corpo. Ela diz que pode levantar o dedo para cima como uma antena e se preencher de ruído. Ela diz que é possível usar a língua para escrever um poema do Blake que não é um poema do Blake e nem a voz de um enorme rottweiler preto que a lambe com carinho. Ela diz que o pacto que existe entre vocês, o que falam sobre ela, o que dizem sobre as coisas ao seu redor, como configuram os rostos, as casas, os seus pertences, o que não falam, o que enviam para os vizinhos em forma de imagens à noite, o que ordenam aos recém-nascidos, como batem suas cabeças na parede, ela ouve tudo.

a poeta de nome costacurta
num evento com mulheres bandidas
mulheres que são tataravós
(uma delas com 32 anos de corporação militar)
nunca disparou uma arma
com uma tiara de flores na fronte
a poeta de nome costacurta
lê um poema sobre a criança curada
pelo vinagre de maçã
lê outro poema sobre uma família
que tira fotos com canhões e aerocaças
a filha quer entrar pelos fundos dos tanques
levantar-lhes a cauda quer trepar nas hélices
molhar de propósito o lençol
para roubar do pai o lugar na cama
a poeta de nome costacurta
nunca leu poemas
no terreno baldio dá de cara com seu maior sonho:
uma cabana de tálbua onde ela pensava morar
se um dia fosse abandonada à rua
para estar com os ferreiros
a poeta de nome costacurta
é puerto riquenha
ninguém gosta dela em massachusetts ela
deveria se apressar e publicar logo um livro
se apressar e lançar alguma merda que preste

iniciadas nos estudos secretos
da alkhemia africana
as três vestindo pink
chupando sorvete de chiclete
fugindo rápido dos
empregos de 9h às 18h
se reúnem para pintar
a cara uma das outras
com lama
cor de montanha fatiada:
verde-esmeralda
gosto de cobre
os olhos muito estatelados
brilhando contra o fundo preto

eu sou a louca que come biscoitos de nata à beira
e a janela do hospício é minha visão quadrada do profundo
se vejo na calçada um menino transparente que passa as mãos
pela cabeça
arrumando os óculos sem sinal de apendicite
estou certa da existência de grades sólidas
se no prédio da frente um jardineiro corta os pés em vez dos
galhos
e sobe com as tesouras para as canelas, coxas e púbis
perdendo-se entre os troncos de árvore
então terei a esperança da fuga infinita como certeza

um jardineiro de lama despenca da árvore para o meio da rua
bradando em italiano a beleza das pessoas de dedos leves
eu penso se a palavra orangotango ainda existe
ou foi esquecida por desuso
não sou só eu que sinto falta das palavras não ditas
também os analfabetos quando encontram colegas de péssima
caligrafia
daí todas nós nos calamos e pegamos o ônibus que leva até o
açougue
ninguém escapa do abate

à noite o jardineiro retrava comigo uma batalha antiga,
o tapete empoeirado é a sua arma contra minha visão de raio-x
ele está furioso com a minha capacidade devê-lo
tomando banho de calcinhas

se de mim dependesse essa história eu nunca me imaginaria
simpática
às exigências de um jardineiro tarado

venetto 285 é o nome do guindaste
de onde cai um homem
sem seu capacete laranja
os dois bonecos que eu coloquei para brincarem no guindaste
não sabem que caem porque são objetos de desejo
me deitarei com eles hoje à noite na língua do escuro no
caminho de volta do jardim
quem inventa pode tudo até criar nos outros visões alucinógenas

todos os dias às 16h um carro branco estaciona na frente da minha janela

o motorista espera paciente que eu faça algum movimento dramático

sabe onde vim parar

e condições crônicas não são tratáveis

me jogarei de capacete laranja e uniforme

se isso acontecer o careca vai descer do carro e com desprezo dizer

PULOU PORQUE QUIS

gostaria de me casar com ele ser sua roupa de mergulho

mas a mocinha de bolsa amarela chegou primeiro

a falta dela hoje no banco do passageiro

pode indicar graves problemas de relacionamento

bolo planos a longo prazo

sei plantar olhos pra depois

as três janelas do jardim dão para o mesmo lado da minha
cabeça
eu era uma poderosa roteirista de cinema que fazia milagres de
bilheteria
mas aqui não existem terrenos baldios ou lugares de descanso
além de tudo eu não tenho pernas para andar de patinete
tenho que partir
deixar como despedida um manifesto do auto esquecimento
e queimar as pontes aéreas com querosene nacional
comi os manuais técnicos e só assisto filmes japoneses
porque eles são os melhores atores
nunca mais fiquei doente dos olhos
hoje vivo como observadora oficial da rua
cuido para que ao meio-dia ninguém acorde os bebês
que não nasceram porque eu não escrevi

tenho sonhado

tenho sonhado diariamente durante a noite
que cuido de filhos alheios
os bebês de meus amigos
de meus mestres
de meus amantes as crias dos meus inimigos
tenho sonhado que os alimento
e os carrego em par o peito
dou aos desajeitados e aos caolhos
tenho sonhado que os salvo das profundezas de azul celeste
das tomadas transbordantes até o topo
dos baldes vermelhos
enquanto os telhados descabelam-se
eu grito protejam-se protejam-se
contra os vendavais
contra os tufões os temporais
enquanto eu os escondo debaixo do ventre
dos cometas que cruzam o céu com seus filhotes
eu fujo pra mata derrubando pelo chão
as cabeças que não cabem debaixo de um único braço

pensava em quantas privadas públicas
eu já tinha lavado com as minhas mãos brasileiras
quando uma mulher invadiu o banheiro
xingando que fedor
eu acho que foi o que ela disse
antes de malhar a porta
estavam com ela dois meninos gêmeos
com o mesmo corte de cabelo só que um era muito
maior que o outro
também eles se cheiram mas não gritam
e nem malham portas o cheiro do banheiro
o cheiro da cabeça do menino menor
o cheiro de bala de uva que eu enfiô logo de três
na boca se confundem
penso que essa mulher é também a mãe de um
terceiro irmão perdido mãe do trigêmeo
que me vendeu no trem um pacote de bala
me pergunto se ele também ia me tirar pra
selvagem
tentando me colocar num mundo que eu não
tenho interesse em fazer parte
não ele não
ele é meu amigo
ele é dissimulado
eu sou dissimulada
é o nosso trabalho e mesmo se não fosse
faríamos por diversão
vou almoçar com meus shorts curtos
feitos pra pedalar as pessoas me olham
a mãe me olha
os gêmeos me olham
o menino do trem me olha
esperam que eu seja tudo
menos poeta

PLANTAR OLHOS PRA DEPOIS

nesses dias se eu fosse apontar o dedo
ia ser pro cão preto na janela
me pareceu um poeta
me pareceu alguém que pudesse gerir o país
se eu tivesse procurando por heróis
mas não estou
só estou de baixo torcendo pro cão olhar pra mim
desejo lá no fundo que ele me reconheça
quero trocar informações sobre a sobrevivência
quero contar que ontem sonhei com merdas esculpidas
e hoje com o céu caindo
o cão sabe que quando alguém se aproxima
é preciso dar atenção
as pessoas precisam de carinho e atenção
finjo que me diz o cão
o que tem no longe do cão?
um anúncio de explosões e meteoros?
sente a aproximação de asteroides?
os cães deliram?
eu sei que eu deliro
eu pisco ele some
procuro em outras janelas
como se ele pudesse em tão pouco tempo
ter atravessado paredes
talvez eu esteja mesmo buscando por heróis
talvez eu seja idiota
parece idiota que ele se limite a um cubículo
que a gente se apegue a um lugar pra morar e
agradeça por isso
o mínimo do mínimo
porque tem as que não têm o mínimo

mas eu tenho tudo
tenho pra mim a imagem do cão
não dá pra chorar quando se tem tudo
mas eu choro
me agarro à esperança que o cão olhou sim pra mim
só eu que não vi

Ítaca

Sempre achei estranho que um homem amarelo pudesse levar um cachorro pela coleira ou um homem jambo montar um cavalo, sempre imaginei que apenas os brancos pudessesem estalar o chicote no picadeiro talvez para uma mulher que equilibra uma bola na ponta do nariz. Diz Francisca sobre ser uma criatura circense: como o cavalo de combate que no picadeiro caminha até o touro com os olhos vendados, conduzido por uma mão escura, que não poderá associar àquela outra que dá tapinhas na sua bunda com carinho enquanto aproxima um torrão de açúcar dos seus lábios, assim vou eu, torpe animal, sem compreender a mão que hoje me fere e sem reconhecê-la nesta outra que com sabedoria cuida das minhas feridas. Como o cavalo cego que não sabe e ainda assim evita o ataque, eu, besta que tateia, me volto ao canto da vergonha tentando evitar a lança absurda, tentando retroceder até eu mesma, até o lugar onde só a angústia me visita, até esse eco que ninguém reconhece, tentando descer o degrau que um dia subi, tentando voltar à madrugada fria e esconder em suas sombras o coração recuado e triste.

Todas as cidades do mundo são pequenas vilas
incendiadas por outras vilas refletidas no espelho
existe a pessoa de dentro e a pessoa de fora
não contrárias como um rosto no fundo do lago
e nem distantes como o sangue de um filho mas impossíveis
como carregar as próprias cinzas em malas de viagem que
partem sozinhas
para um lugar onde jardineiros armam sólidas estruturas
à imagem do céu

ave cesaria

desde que eu cheguei eu cheiro a medo videntes
os cães sabem antes de mim onde eu vou estar e me caçam
pelas janelas não conterrâneas como se eu entregasse cartas
num desenho animado
ou num filme exibido às 14h nunca em ponto justo eu
que nunca tive pavor de bicho de duas nem de quatro patas
muito menos de casa com quintal
agora tenho que disfarçar o que dois banhos
diários cifrados de confissões não resolvem numa terra em que
cada linha parece burrice
eu que deixei a porta sem tranca com a esperança de que uma
firme jangada
resolvesse tudo bastasse esperar
não falar fado não ouvir rostos conhecidos não procurar a deus
só viver
de cara pro sol até virar lagarto de pedra
como quando a gente é criança e segura o espirro pra se
esconder
do que mora embaixo da ou dentro do ou ainda desde que eu
cheguei
não sei o nome de fruta alheia
em travesseiro alheio pisar chão alheio
com pés que ainda restam meus a distância me deixando
cada vez mais míope a ponto de eu virar um contorno deixado
pra trás
quebrado em mil partes mil sonhos mil cães correndo uma mãe
e um filho
mergulhados no meio-fio na linha do trem
devolvidos pela correnteza de areia estrangeira
comendo comida de cachorro inchando terra tocaia fedendo
a medo

sobrevivendo espalhada no ar
eu sou minha você e eu quando vou ao culto
minha cauda trai o vestido mostra-me o rabo
amar você é estar se equilibrando em cima de uma tábua
apoiada por uma lata de achocolatado
com medo de cair no chão posto a alguns centímetros abaixo
estar ao banheiro agarrada às toalhas da autopiedade
desperdiçando lágrima energia vital
quando você me deu um soco no nariz eu fingi
que escorria ferrugem de cereja rosa-flamingo
e gritei pelas mulheres da minha ascendência
como se elas fossem enfeites no meu chapéu de festa
seda costurada em pérola de brocal dourado

tudo o que eu faço é em seu nome

eu vi você de camiseta
branca a alice eu e mais alguém na sua sala
tão iluminada a ponto de eu não conseguir
distinguir os detalhes da parede da sacada
o rio lá longe primeiro um médico importante que eu nem sabia
o nome e precisava impressionar pela segunda vez eu no palco
com um papel inexpressivo numa releitura de ricardo
III uma criança vomitada e eu limpando o seu rosto no quarto
a minha mãe que sempre aparece sem eu saber e
derruba minha orquídea fúcsia tenta (em vão) replantar só os
botões
em outro vaso coração por você eu engoliria toneladas de água
seca úmida empoeirada qualquer tempestade que te amarre
como um nó
de marinheiro fugido na boca do estômago talvez assim eu me
livre das
injeções pós-sono e você volte pro porto que deságua em mim

algumas horas antes de deitar
eu me encontrava num palácio com bruxas e uma mulher gorda
que ria de tudo e falava muito alto e comia
e deixava tudo cair dentro
eu vi pernas eu vi o jardineiro de calcinha
e segui vendo tudo porque estava bem abençoada pelo espírito
de Maria
encarnada na médica de jaleco com braços torneados
à noite me encontrei com você no campo
a fumar duas três quatro brasas me arderam
eu tremi ainda dormindo
vi um desenho sobre o país do fogo
era preciso dançar em par com longas tranças
olhar nos olhos longamente langueados
treinar os passos de leopardo até a mata
os felinos são o carinho de Deus por você

estão crescendo os espinhos

lendo Stela cheiro o livro lambo
o livro coloco ele no chão aberto
pra ele me ver quando escrevi
aquele texto do nascimento
da minha mãe em 1962 já sabia que a Stela
era minha filha que pregaram na cruz
Stela Stela ô Stela chamam ela
para entrar porque está escuro ela voltou no corpo
de uma menina de 13 anos
mas os olhos flutuantes continuam balão de festa
sem suporte Stela um canto de pássaro triste
um pio dois pios um silvo longo ela também
fala a nossa língua relinchá relinchá dá coice
em frente à trincheira vem sempre à retaguarda
se desenha nua enquanto corre a madrugada
esbarra num galã com quem visita o cemitério
dorme coxa colada com a irmã debaixo da terra

passou um enfermeiro nem viu o jardim queimando

minhas amigas não me dão presentes elas me consideram
uma pessoa que não se importa com esse tipo de coisa
em vez disso me escrevem ameaças como poemas batidos à
máquina
numa casa se uma telha cai isso já é uma sentença
tomamos juntas um chá de ervas chamado
seu momento veio / seu momento passou
minhas amigas anotam coisas a meu respeito
se viajamos juntas elas me emprestam livros com a palavra
devoção
elas me tratam como se eu
soubesse da história de um fundo de um poço
um poço que é como o vão de um elevador
onde uma menina cai e ainda está lá esperando por resgate
eu tenho problemas de raiva preciso dizer a elas
que um serial killer é aquele boceja muito
é aquele que diz faço qualquer coisa contanto que seja divertido
minhas amigas precisam entender que os meus segredos
os meus crimes infantis nunca vão ferir os peixes
os urubus as hienas que transam entre si
ninguém sabe do fundo do poço minhas amigas são asmáticas
são espondilíacas são esquizofrênicas meu chá é forte é a
minha cabeça
se eu escrevesse uma história de terror nela
não aconteceria nada escrever uma história
amarrar uma pessoa vender um bezerro enquanto
ele espuma a corda na boca outra telha cai
sentimos ainda o calor da estufa em chamas onde queimam
mechas de cabelo azul e chegam excitadas minhas amigas
para me fazer uma peruca

Me vejo anos atrás no cabo grego de Sunião
doendo o pé infeccionado, Filoctetes-São Sebastião
no corpo de mulher, mancando longa trilha de rastros,
apoiada braço esticado sobre a colina de um mar
no fundo as rochas rubras onde uma onda tubo
escandalosamente branca me disse que outra arrebentara,
imagino a força da água naquela altura dos sonhos,
sabendo que a queda deliberada não é minha missão,
e ainda assim o tempo todo nutrindo, medindo com o dedo a
ferida.

bom, isso também é mais uma coisa que já foi. A mulher
que plantava o próprio sofrimento está morta. Sou sua filha.
Amo a colcha de cicatrizes com a qual ela me cobre
e ainda assim quero seguir com você desde aqui
lutando contra a tentação de fazer da dor uma carreira

sua boca fede
se é de lixo
a matéria da poesia
você anda comendo poetas
você não sabe quem é o índio gallino
você chama o índio gallino de índio gallino
se vê a revolta em corumbá
estranha que no seu país
tenha um mato grosso e caia no sul
sua boca cheira ao que comem
os crustáceos
aumentam a temperatura da água
lentamente você não percebe
você não sabe
você não se debate
vão te craquear como um
código das forças armadas
vão sugar tua carne tenra e branca
e com a sua carcaça
farão um suporte de mesa
para ovos cozidos

minha filha é traficante de armas
ela disse de pé na ponte
nunca imaginei que isso fosse possível
esquentar água pro chá e
esfriá-lo logo depois
com um fuzil
adoçá-lo com munição
uma duas balas de açúcar
de pé na ponte
olhando pra baixo
para as águas turvas
ou para os carros
todos conduzidos por
tradicantes de armas
minha filha fez luzes no cabelo
está cada vez mais bonita
e menos adaptável à paisagem
vista de ponta cabeça

quero te dizer vá pra cama
todas as noites no ponto mais alto
quita tua armadura deixe-a jogada num canto
sem polimento como articulações que se desgastam com o
uso me deixa ver
teu peito aberto deixa que eu veja
os seios que encobre por faixas encardidas
sua família quis comer nossas batatas
sua família quis que comêssemos plástico
escombros pentes de dentes quebrados
não finja que está nas imagens das paredes
conosco em porto rico
em nicarágua no meio da floresta
não venha chorar pra mim dizendo
minha filha não tem um macho
a unidade de um corpo, uma mentira
sua batalha contra a cama, uma mentira
deita e dorme! você não é ricardo III
você não é nem cria de reinos
não tem o monopólio da agonia
para e agradece que do lado de lá
uma mulher que delira te escreve
um manual de sobrevivência aos sonhos
aproveita e se livra dos brasões
percebe que a joia antiga que carrega no pescoço
antes de medalhão é cartolina
é resto de papelão molhado
não posso com a imagem do seu dorso de pijama
dorme nu porque o que não precisamos agora
é da prudência de um cavalo de capa que aceita
de pança cheia a baia

Conheci o enfant terrible

quando ele ainda não era poeta ou músico ou carpinteiro
como José, o pai biológico de Jesus
Jesus Ricardo, o moleque aqui da rua de baixo
o enfant terrible foi do berço pro engatinho em segundos
e já estava em pé mesmo que ainda chorasse
porque não podia confiar em suas pernas moles como
ficam as minhas se assisto Vertigo do Hitchcock
Ergueu os bracinhos de provolone trançado
e pediu ao mesmo tempo regaço e uma xícara cheia de café
puro
Sem açúcar
Eu disse: isso vai te fazer mal
Ele respondeu: "eu quero" é a minha sentença
Existem outras, eu hesitei em busca de uma resposta mais
precisa
"Eu agradeço", por exemplo
mas nem eu acreditei no que estava dizendo
Ele teria dado de ombros
se soubesse que o cinismo se dá principalmente
nos corpos que se movem pouco
Depois voltou ao chão e antes que fosse brincar com as
ferramentas
passei repellente em suas perninhas de maria-mole
fazendo cócegas em seus pés o que me deu muito prazer
mas também plantou em minha mente uma cena perturbadora
de meu pai assistindo um vídeo meu dançando completamente
nua
na praia fazendo movimentos que lembravam a postura do leão
na Hatha Yoga enquanto atrás de mim um velho

se dividia entre assistir a cena e segurar seu chapéu moralista
que teimava em ir embora
O enfant terrible agora desmontava pequenos objetos,
e espalhava suas pecinhas férreas por todos os lados, destruiu
o controle do som estéreo, meu par de brincos favorito e a
pistola
que Rimbaud tinha usado em sua expedição pela Filadélfia
Já demonstrava o enfant terrible um impulso irrefreável
por desmontar coisas para refazê-las a seu próprio modo
O problema é que não sabia montá-las de volta
ou melhor
não sabia fazer delas algo mais eficaz do que tinham sido
Por isso enjoava rápido com uma careta que ia do riso
ao choro e o tédio crescia mais veloz do que ele mesmo
Tudo parecia escrito numa lasca de vidro
Mas as fraldas de pano preto lhe caiam muito bem
e quando dormia era bonito como nada e heroico
como um verdadeiro Power Ranger

quando está calor é sempre o primeiro dia do ano e
nunca te vi mais feliz do que nessa foto
queria dizer: estou feliz por você
por sua vida complicada que se embaraça ainda mais
meu cabelo na sua cara eu lembro
como fios elétricos te lançando dados sigilosos
de um novo milênio
estamos de novo nos anos 2000 e somos tristes
não quero te ver mas às vezes é feriado você sorri
alguém escorrega o dedo na câmera
e tudo corre naturalmente embolado
seu pai segue dirigindo bêbado
eu espero que você não tropece tanto

Cavalo tonto

Helena diz cavalo tonto, ficaremos todos
gravados nos trilhos, nos asfaltos quentes
quando você machuca a mim
machuca a um cavalo, queria escrever a Helena
este poema mas não o encontro
em vez disso estou perdida na estrada de terra
sem asfalto quente desmontada usando
botas com esporas de rosetas pontiagudas
dando com elas direto nos meus próprios flancos

já é tarde por aqui ninguém passa
vou murmurando um texto antigo
pras carcundas de cupim acerca das
impossibilidades
sei que a maior prova de amor da natureza
é nos ignorar totalmente mas dói
tenho de novo seis anos vou pra escola sozinha
atiçando os pangarés à distância
não queria me deixar escapar
não entendo porque temos que ser humildes
ou por que deixamos o desejo morrer de inanição
em casa no lençol sujo da cama tinha um rasgo
dormindo eu enfiava nele o dedão e accordava
muitas vezes durante o sonho com o som do
tecido cedendo
tontos somos nós, Helena
tontos e inebriantes

nos filmes os gatos sabem antes
quando a terra vai tremer
o sol se apagar
sabem das grandes ondas
e da fumaça cegando
o horizonte
pena que nas igrejas não existam
gatos de verdade
são todos de madeira inflamável
sangrando com flechas
cruzadas no peito e
um pano muito roto
cobrindo as partes

as coisas passam com tanta velocidade, julia
queria te contar como me apaixonei
por uma sala três anos atrás
e como era difícil
respirar lá dentro com as janelas
me convidando a medir o tronco
uma sala em permanente reforma
que nunca existia
por mais de alguns dias
intacta e que no fim esteve fechada
por dois meses na companhia
de homens estranhos
pensei que você
dentre todas as pessoas
entenderia o que é
ter andaimes no lugar do tórax
as cores de uma sala circular
passam tão alucinantes
quanto uma tempestade
quanto a sua alegria
no centro da cidade
a história segue enferrujando
às nossas costas
julia,
nesses últimos dias
eu vomito mercúrio
de tanta saudade
daquela sala
de passagens secretas
parece que eu nunca vou deixar
de gritar seu nome à noite

como a versão que você chamaria de moderna
de um pesadelo antigo

sabe que ontem
eu me deitava com quem me ama

uma onda por cima de um terremoto

o que saía de mim era o som de um órgão
crispando no fogo

eu ri sem parar

queria acabar com você
um monstro de duas cabeças

esta é a primeira última página
a que me dedico a te enganar

agora só me resta deitar neste vão
não ter medo de que você pela rua
saia com a pele brilhando

o poeta na parede
com um tiro na testa
também sabia seu nome
sabia da constância do topo nevado
mesmo no calor do seu pescoço
ele podia ter fugido pelo mar
em vez de conviver
com seus impulsos violentos

a destruição minando
de cada contraparte

ele teria gostado de te socar a cara
como um jaguar
saindo da água quente
eu não me importo mais
com o tamanho do corte
não quero mais seguir mergulhando
odeio sua cidade aquática
só amo o lorca

você diz não acreditar em incêndio
como se desastres
dependessem da sua habilidade
de tacar fogo no corpo

sonhei antes de passar por essa trilha
com um carvão pairando sobre
a minha cabeça

não tão preto quanto seus cabelos
nem tão enredado
quanto o coração dos cachorros
que você devora

do carvão saíam cabos de aço
tortos tantos e ainda assim
você não sabe fingir
nem dizer a verdade

se voltasse à casa
da chinesa fu
talvez soubesse
que te entregaram uma adaga
como símbolo da sua entrada
no mundo dos homens
que não usam bermudas
ainda que com vontade
ainda que ardendo
por dentro

eu digo não acredito em incêndio
e penso em sigilos
cadeados
e torneiras mal fechadas

O deserto vermelho

nunca tinham visto uma lebre à beira do mar
por aqui a chamam de coniglio selvatico
molha a cabeça primeiro e as orelhas murcham
como todos os amores com o passar do tempo
existe um casebre à espreita
lá dentro amigos arrancam a gargalhadas
as tábuas da parede
que divide cozinha e quarto
pra alimentar o fogareiro
faz frio sentem o frio sentem também
o navio atracado barulhento e colorido
talvez pense o navio que faz *compleannos*
ignorante que de dentro
hasteiam alta uma bandeira preta:
entram em quarentena os marinheiros fantasmas
mas não é possível avistá-los
os amigos no casebre se lembram de histórias
de sua juventude no fascismo
quando se perdiam entre luas fardas e pedras
entre os seios fartos da dona da venda
suas bocas de criança
mal dando conta do cheiro dos mamilos
os apitos de portos distantes ainda os alcançam
o som de bandeiras rasgadas e insígnias no chão
as encostas pedregosas continuam a cantar
o mundo real
uma mulher, a única, deixa o casebre
entra no carro e dirige até o limite do píer
enquanto os demais alarmados

mais por eles mesmos do que por ela
observam da porta
eu não vi diz ela agarrada ao volante
eu ouvi o navio eu não vi

reparei esta manhã meu último olho
nascido pra fora
não sei quando isso
aconteceu – foi o acidente? esta palavra que é como
morrer estatelado na rua depois de uma visita ao
oculista
me custa cada vez mais deitar pra
dormir me incomoda o intervalo de morta-viva,
entre estar deitada acordada e estar deitada
dormindo, não consigo nunca me lembrar
do momento em que se dá a passagem
também não sei do momento em que o olho
brotou pra sempre da cara
dizem alguns que os
bons jardineiros são os que se preocupam com o
tempo eu gostaria de me livrar de uma vez por
todas do tempo ou estar pra sempre sonhando
sonhando não no mesmo espaço mas
ao mesmo tempo com as pessoas que amo
as pessoas que amo nuas, deitadas sobre uma pilha
de folhas secas, fazendo canção nos limites da cidade

abril é o pior mês da carne louca no rolete

*sou real de além túmulo,
e não tenho mensagens*

(Rimbaud)

quando minha mãe era jovem
chamava por mim
“mamãezinha” “mamãezinha”
nas noites de pesadelo
danço o sabá com as velhas
e as criancinhas
disse rimbaud
beijo jão na boca
porque sou uma pessoa prática
e jão é a minha praticidade
dias aqui duram 200 anos
a questão não é o tempo
é recusar o convite
a ir comer carne no espeto
dar à boca a sopa de chumbo derretido
licores amargos odiar a pátria
passar a noite bêbada orbitando a praia
de outro planeta
se não tivesse preso aqui
rimbaud não teria tempo
para uma pessoa feito jão
sou a mãe de minha mãe

choro se ela sai
pois tenho soltado uma filha no mundo
e ela vai de trem
toma filha a sopa com um lufada
de hissopo que cheira à menta estrangeira
dias aqui duram 200 anos
mas a questão não é o tempo
façamos todos caretas inimagináveis
começam a plantar nas pessoas chips
em bangladesh agora já não se pode
fugir e se apaixonar na etiópia
depois de levar no peito um tiro de jão
é certo que vocês não sabem nada
sobre os homens que veneram
vamos ter que nós
as velhas e as crianças
plantar tudo

SINOPSE

“Plantar Olhos Pra Depois” reúne uma poesia marcado pela artesania precisa no manejo com as palavras. Nos poemas, reunidos em duas seções, “A mulher no Jardim” e “Plantar Olhos Pra Depois”, emergem vozes de mulheres que povoam o cotidiano entre o espanto e a doçura.

O AUTOR

Julia Raiz é escritora, tradutora e doutora em Estudos Literários (UFPR). Autora de “Toda Cabeça de Irmão”, “Bebê Tem Fascinação por Lâmpadas”, “Metamorfoses do Sr. Ovídio” e “Diário: a Mulher e o Cavalo”.

[POESIA]

ISBN: 978-65-86198-53-9

700



9 786586 198539

